

**Pós-graduação lato sensu – Especialização em Jornalismo Esportivo – FCS/UERJ**

**Disciplina: Políticas Públicas e Gestões Esportivas**

**Professor: Fabio Iorio**

**Aluno: Henrique Juliano de Macedo Soares Guimarães**

## **Num pós Copa do Mundo, um voo sobre a história dos mundiais**

*Por Henrique Juliano*

*Fevereiro de 2023*

Extremamente criticada pelos ocidentais devido à possível compra de votos para escolha da sede, pelas centenas de mortos nas construções dos estádios, pelo calor que fez o Mundial se deslocar no calendário, além das políticas retrógradas e absolutistas do emir local, constantemente acusado de homofobia e misoginia, a Copa do Mundo do Catar representou também diversos marcos na história da competição. O primeiro deles já foi citado: pela primeira vez na história a Copa foi disputada no final do ano, ou seja, no meio da temporada do futebol europeu. Inicialmente um ponto comemorado por hipoteticamente indicar a maioria dos atletas em melhores condições físicas, o que observamos foi o oposto, evidenciado por diversas lesões e cortes de jogadores. Talvez a “preparação” de apenas uma semana entre a apresentação dos convocados e o início do Mundial seja uma das explicações para esse fato. Outro dado importante sobre o torneio no Catar foi a proximidade entre os oito estádios, com os dois mais distantes separados por apenas 71 quilômetros. Foi uma Copa do Mundo com sentido próximo ao dos Jogos Olímpicos: em um dia pôde-se presenciar mais de um evento esportivo. Catar 2022 foi a primeira Copa do Mundo com mulheres exercendo a arbitragem nos campos; foi a primeira com 26 convocados por seleção; mas foi também a última com 32 seleções na disputa. A partir de 2026, a primeira Copa em três países – EUA, México e Canadá – o torneio irá contar com 48 seleções. O formato com 32 times se consolidou por sete mundiais, tendo sido iniciado na França, em 1998. No entanto, a primeira Copa do Mundo teve apenas 13 seleções.

Fundada em 1904, a FIFA passou a considerar com mais clareza a realização de um torneio entre países de todo o globo apenas a partir da década de 1920. Até esse momento, o torneio em questão era a disputa pelas medalhas do futebol – unicamente o

masculino naquele momento, e até 1996 – nos Jogos Olímpicos. Presente nos jogos de Paris 1924, o Presidente da FIFA, Jules Rimet, natural do país sede, acompanhou e se encantou com a vitória dos uruguaios no torneio, que seriam também bicampeões olímpicos em Amsterdã 1928, gerando a alcunha de “*Celeste Olímpica*” para a seleção cisplatina. Diante do fato, estava definido, ao menos na cabeça do chefe do futebol mundial, que a Copa do Mundo deveria ter a sua primeira edição no Uruguai. E assim foi. Em julho de 1930, 13 equipes disputaram a primeira Copa do Mundo, na América do Sul. Isto posto, a distância de um Atlântico separando a maior profusão de escolas futebolísticas – Europa – e o país-sede, fez com que o Uruguai se oferecesse para custear a vinda dos europeus para o campeonato. No entanto, apenas quatro seleções de lá compareceram: Iugoslávia, Romênia, França e Bélgica, o que explica o fato de o torneio não ter atingido o número ideal – múltiplo de 4 – de 16 equipes. Vitorioso sobre a Argentina na Final em seu majestoso Estádio Centenário, o Uruguai, em represália, se recusou a visitar a Europa no Mundial seguinte.

A Copa do Mundo em questão foi realizada na Itália, em pleno regime fascista. Teve disputa de qualificatórias para o torneio, com 32 seleções interessadas, e conseguiu ter o número modelo de 16 participantes. Porém, a marca do evento foi a vitória da seleção da casa, com cinco atletas sul-americanos “recrutados” por Mussolini – entre eles o brasileiro Filó. Uma vitória usada para promover o fascismo, em plena expansão pela Europa e pelo Mundo. Lamentavelmente, a vitória se repetiu em 1938 na França, quando, inclusive, os italianos jogaram a semifinal contra o Brasil de camisas pretas, cor oficial do regime. Este Mundial teve 15 participantes, justamente porque a Áustria tinha acabado de ser invadida pela Alemanha nazista. Além disso, os países americanos resolveram boicotar o torneio, protestando contra a falta de alternância das sedes entre os continentes. As exceções foram Brasil e Cuba. Por doze anos a Copa do Mundo se ausentaria do calendário quadrienal: a Segunda Guerra Mundial estava por vir.

## **A VOLTA NO MAIOR ESTÁDIO DO MUNDO**

Com a Europa destruída pela guerra, o Brasil foi candidato único a sediar a Copa de 1950 e construiu o maior estádio do planeta para tal: o Maracanã. 13 seleções disputaram o certame, diante das desistências de Escócia, Turquia e Índia. Esta Copa também foi a única na história a ser decidida num quadrangular final, e não apenas numa partida final, disputado por Brasil, Uruguai, Suécia e Espanha. No entanto, como dois

adversários da última rodada eram os únicos que ainda pleiteavam o título, o jogo entre Brasil e Uruguai ficou conhecido como a Final da Copa de 1950. Com mais pontos e após goleadas de 7x1 sobre a Suécia e 6x1 sobre a Espanha, o Brasil era favorito e tinha a vantagem do empate. Para um público de 199.854 pessoas, recorde mundial até hoje, o Brasil abriu o placar com Friaça, no início do segundo tempo, e a vitória parecia garantida. Mas os gols de Schiaffino e Ghiggia deram a vitória ao Uruguai, originando o evento histórico conhecido como *Maracanazo*.

O Mundial seguinte, disputado na Suíça, consolidou de vez o formato com 16 seleções participantes, que se seguiria por sete edições, até Argentina 1978. Torneio marcado pelo futebol icônico e moderno dos húngaros, liderados por Puskás e Kocsis, também contou com uma enorme surpresa em sua partida decisiva: a vitória de virada da Alemanha Ocidental sobre a favorita Hungria, por 3x2, no também evento histórico conhecido como *O Milagre de Berna*. Quatro anos depois, o evento histórico seria o surgimento do maior jogador de todos os tempos: aos 17 anos de idade, Pelé desabrochava como peça chave para levar o Brasil ao primeiro título mundial, exorcizando o *Maracanazo*, com direito a duas goleadas por 5x2 nas duas últimas partidas, contra França e Suécia. Em 1962, com a Copa voltando à América do Sul, o Brasil seria o primeiro – e único – bicampeão depois da Itália fascista. No Chile, após lesão de Pelé na primeira fase, Garrincha liderou os campeões mundiais rumo ao “repeteco”, numa atuação considerada por muitos pesquisadores como uma das duas maiores de um jogador em uma única Copa do Mundo, junto de Maradona em 1986. Porém, o *anjo das pernas tortas* quase não jogou a Final, contra a Tchecoslováquia. Expulso na semifinal contra o Chile, Garrincha foi absolvido pelo júri da FIFA por falta de provas. Numa articulação que envolveu, inclusive, entes diplomáticos, o Brasil conseguiu que o árbitro peruano Arturo Yamasaki não estivesse mais no Chile no momento do julgamento do craque. Sem o depoimento da “autoridade”, Garrincha pôde ajudar o Brasil a vencer a final por 3x1.

Foi numa Inglaterra repleta de movimentos artísticos de vanguarda que a Copa do Mundo aterrissou em 1966. Este Mundial hospedou a pior campanha do Brasil no pós guerra – eliminado na primeira fase, viu Eusébio desfilar seu futebol capaz de levar Portugal à terceira colocação, surpreendeu com uma Coreia do Norte capaz de grandes resultados, levou o futebol a criar o cartão amarelo após a expulsão do argentino Rattín contra os anfitriões, e teve o gol mais polêmico da história das finais de copas: da Inglaterra, na prorrogação, contra a Alemanha Ocidental. Ainda hoje não se sabe se o gol da virada, de Hurst, entrou ou não. Mas o placar terminou 4x2 e a Inglaterra foi campeã

pela única vez. Na primeira vez fora de Europa ou América do Sul, a Copa do México em 1970 foi vencida pelo time que, até hoje, é considerado por muitos como o melhor campeão de todos os tempos. Num torneio que levou quatro dos cinco então campeões mundiais às semifinais: Brasil, Itália, Alemanha Ocidental e Uruguai, a taça Jules Rimet seria entregue definitivamente a um dos bicampeões – a FIFA definira que quem a vencesse três vezes ficaria com a posse definitiva. Numa disputa direta por esta posse, o Brasil venceu a Itália por 4x1 com um time mágico – tinha Pelé, Gérson, Tostão, Rivellino, Jairzinho, etc. – mas o país vivia um período de terror com a linha dura do regime militar.

### **NOVA TAÇA, NOVO JOGO**

Quatro anos depois, na Alemanha Ocidental, a taça FIFA WORLD CUP era o novo símbolo de desejo dos grandes do esporte bretão. E tudo indicava que ela iria para os Países Baixos. A Holanda, dos recentes campeões europeus Ajax e Feyenoord, surgia com um futebol inovador, no qual os jogadores pareciam não ter posição fixa. Treinada por Rinus Michels e liderada em campo pelo craque Johan Cruyff, a seleção laranja eliminou os atuais campeões, os brasileiros, para enfrentar os alemães ocidentais em Munique. Porém, assim como em Berna 1954, uma virada alemã surpreendeu o Mundo: 2x1 para o time de Beckenbauer, deixando o carrossel holandês e seu *futebol total* com o vice-campeonato. Em 1978, os holandeses, sem Cruyff que se negara a disputar o Mundial em plena ditadura argentina, chegaram novamente à final. A adversária seria a dona da casa, em Buenos Aires. No caminho até ali, porém, a seleção sul-americana, pressionada pelo ditador Jorge Videla, eliminou o Brasil em condições, no mínimo, peculiares. Na segunda fase, o vencedor do grupo de Argentina, Brasil, Peru e Polônia se classificaria para a final. Empatados em pontos, Brasil e Argentina foram para a última rodada para jogar em horários distintos. Primeiro o Brasil enfrentou a Polônia e venceu por 3x1. Em Rosário, a Argentina precisaria vencer o Peru por quatro gols de diferença. Venceu por 6x0. Quiroga, o goleiro peruano, era argentino. Na Final, os locais venceram a Holanda na prorrogação e foram campeões pela primeira vez.

A Copa da Espanha de 1982 inaugurou um período com 24 seleções na disputa. Desta vez foi o Brasil que encantou o Mundo, mas não levou a taça. Numa segunda fase em triangular, enfrentou os então campeões, Argentina, e uma Itália que havia empatado todos os jogos da primeira fase. E foi com esta que a vaga foi decidida, com a vantagem

do empate para o Brasil. Numa partida eletrizante, Paolo Rossi, que ainda não havia feito gols na competição, fez os três da Itália: 3x2. Embalada, a *azzurra*, que enfrentara casos de corrupção em seu futebol, inclusive envolvendo Rossi, venceu Polônia e Alemanha Ocidental, e foi tricampeã. Paolo Rossi foi o artilheiro da competição, com 6 gols. A Copa seguinte seria na Colômbia que, em crise, abdicou. Realizado novamente no México, o torneio correu novo risco de não ocorrer, devido aos terremotos de 1985 no país. Campeonato que podia ser marcado por uma Dinamarca que encantou, mas não foi longe, foi palco maior de Diego Armando Maradona. Nas quartas de final, contra a Inglaterra, país que massacrara os argentinos poucos anos antes na Guerra das Malvinas, Maradona marcou um gol de mão, validado, e aquele que é considerado por diversos aficionados o gol mais bonito da história do torneio, enfileirando ingleses e passando com a pelota, desde o meio de campo até o gol. Depois, a Argentina venceu Bélgica e Alemanha Ocidental para ser bi do mundo. A mesma final se repetiria em 1990, logo depois de Maradona eliminar os italianos no país deles, mas no estádio que era sua verdadeira casa: San Paolo, em Nápoles. Hoje, chama-se Diego Armando Maradona. O goleiro argentino Goycochea foi o herói, numa disputa de pênaltis, procedimento que marcou aquela truncada Copa do Mundo. Porém, os alemães não deixariam escapar o título pela terceira vez seguida e levantaram a taça em Roma.

A última versão da Copa do Mundo com 24 seleções foi nos Estados Unidos da América. Em horários de calor escaldante e em meio à descoberta dos seus habitantes de que o esporte mais popular do mundo não era popular ali, uma nova final entre Brasil e Itália definiria desta vez quem seria o primeiro tetracampeão do mundo. E foi de uma maneira inédita que o campeão foi decretado em Pasadena: após um 0x0 tenso, a Final da 15ª Copa do Mundo seria decidida nos pênaltis. Dos pés do craque da Itália na Copa saiu o título brasileiro. Roberto Baggio chutou o último tento por cima do gol e o Brasil voltava a ser campeão depois de 24 anos.

### **COPA AMPLIADA: EM EQUIPES E EM SEDES**

Com 32 seleções, foi disputada a Copa do Mundo de 1998, na França. Muitos craques na competição e um duelo que extrapolava o futebol, já na primeira fase: o Irã venceu os EUA por 2x1 num jogo de eliminados pelo grupo F, mas com teores extremamente emotivos e relevantes. A geopolítica, aos poucos, também mostrava as novas potências dos países do leste europeu, fragmentados após a vitória capitalista na

Guerra Fria. A Croácia, antiga república iugoslava, chegou em terceiro lugar na sua primeira Copa do Mundo, além de ter Davor Suker como artilheiro do torneio. Na semifinal, foi eliminada pelos anfitriões, que enfrentariam os atuais campeões na Final. O Brasil eliminara a fortíssima Holanda, na disputa de pênaltis. No dia do jogo derradeiro, o brasileiro Ronaldo, melhor jogador do mundo, teve uma convulsão na concentração da equipe. O foco deixava de ser a Final e a França venceria por 3x0, com certa facilidade. Zinedine Zidane, autor de dois gols na decisão, era o craque do momento.

A primeira Copa na Ásia foi também a única, até aqui, sediada em dois países, Japão e Coreia do Sul. Com a eliminação de favoritos na primeira fase, os campeões – França – e a Argentina, além da classificação dos dois países sede para as oitavas de final, a Copa do Mundo de 2002 parecia poder apresentar um final novo e imprevisível. Mas a Final foi um jogo inédito entre as duas escolas mais vitoriosas dos mundiais: Brasil e Alemanha. Foi a redenção de Ronaldo, quatro anos depois, assistido pelo seu parceiro e craque Rivaldo. Oliver Kahn, goleiro alemão eleito melhor jogador da Copa antes da decisão, foi responsável por um dos gols brasileiros no 2x0. O Brasil era penta. Na Alemanha, em 2006, uma Copa do Mundo quase tão conservadora como a de 1990 poderia ter consagrado novamente o gênio Zidane. Em seu último torneio como atleta profissional, ele liderou a França rumo à final, eliminando uma das melhores equipes da primeira fase – Espanha – o enorme favorito – Brasil – e a nova realidade – Portugal, para então medir forças com uma Itália confiante, após eliminar os anfitriões alemães, mas pragmática. Num 1x1 no tempo normal, Zidane foi expulso após dar uma cabeçada despropositada em Materazzi (curiosamente, os dois tinham sido autores dos gols). Sem *Zizou*, pela segunda vez a Copa do Mundo seria decidida nos pênaltis. E, desta vez, a Itália superou o trauma, chegando ao quarto título.

As últimas três copas do mundo foram da afirmação dos BRICS. Primeiro, a única na África, no país de Nelson Mandela. Marcada pelas *vuvuzelas* e pelos jogos no inverno pela primeira vez desde 1978, África do Sul 2010 também teve a primeira final entre dois não campeões desde aquele mesmo torneio invernal. E, novamente, a Holanda estava lá. Logo ela, que no passado explorara o país africano como colônia e deixaria ali o grupo étnico que comandaria o terrível *apartheid*. Eliminaram o Brasil, depois o Uruguai. Uruguai que chegaria às semifinais num dos maiores jogos das copas, quase decidido na prorrogação após uma defesa, com a mão, do atacante Luis Suárez contra Gana, no último lance do tempo extra. Mas Gyan perderia o tiro direto e a disputa seria na marca da cal, só que do lado oposto. E o Uruguai sairia vencedor, impedindo que o

primeiro africano semifinalista conquistasse tal feito na África. Já a Espanha, campeã europeia, chegava como favorita à Copa. Buscava reproduzir com alguma fidelidade, e certas peças iguais, o jogo de posse de bola agradável e eficiente do Barcelona daquele período. Mas, logo na estreia, perdeu para a Suíça. Reagiu e se classificou. Passou por Portugal num 1x0, que se repetiria nas quartas contra um Paraguai que quase a eliminou, perdendo um pênalti. 1x0 novamente nas semifinais contra a Alemanha vice-campeã europeia. Numa Final violenta, especialmente por parte dos holandeses, e com o goleiro Casillas como destaque, a Espanha foi campeã mundial pela primeira vez com um gol de Iniesta, na prorrogação.

Na sequência, o Brasil receberia a Copa do Mundo novamente, após 64 anos, dois anos antes de receber os jogos olímpicos e no ano do centenário de sua seleção. Era a volta do Mundial à América do Sul, após 36 anos. E não poderia começar melhor: muitos gols, surpresas e partidas eletrizantes na primeira fase. Destaque para a goleada da Holanda sobre a Espanha na reedição da Final de 2010. Aliás, a Espanha era mais uma campeã mundial eliminada na primeira fase neste século. Além dela, foram França em 2002, Itália em 2010 e Alemanha em 2018. Com uma composição semifinal de peso, os jogos tinham tudo para ter equilíbrio e tensão. E assim foi em São Paulo, entre Argentina e Holanda, com vitória nos pênaltis a favor dos argentinos que, tal qual outros latino-americanos, lotavam o território brasileiro. Porém, em Belo Horizonte, ocorreu o maior massacre de uma semifinal de Copa do Mundo, justo entre duas potências e contra os donos da casa: o mais chocante dos resultados em mundiais, Alemanha 7x1 Brasil. Na mesma partida o alemão Klose superou o brasileiro Ronaldo e se tornou o maior artilheiro da história das copas do mundo. Cinco dias depois, no Maracanã, os alemães venceriam os argentinos na prorrogação, por 1x0, numa partida brilhante de Schweinsteiger e apática do craque Lionel Messi.

Ao contrário do Catar e como no Brasil, as grandes distâncias marcavam a visita ao belo verão russo, em 2018. A copa que parecia ser de Messi e/ou Cristiano Ronaldo, foi de um menino francês com 19 anos, de ascendência camaronesa e argelina, chamado Mbappé. Mas também de um companheiro de CR7 no Real Madrid, o croata Modric. Enquanto este venceu argentinos, os anfitriões russos e os ingleses, aquele passaria pela melhor partida do campeonato, também contra os argentinos, além de uma semifinal com cara de final antecipada contra os belgas. Depois de enfrentar três prorrogações seguidas, os croatas pareciam não ter mais forças pra conquistar algo maior do que aquele enorme feito, que nem a antiga Iugoslávia havia alcançado: chegar à Final. E foi verdade. Presa

fácil num dia brilhante de Pogba e, claro, com gol de Mbappé, a Croácia foi derrotada pela favorita França, campeã do mundo novamente.

## UM SONHO ARGENTO COM A REDENÇÃO DA PULGA

É muito importante que o ocidente siga denunciando as violações de direitos humanos em território catari. Mas, por mais que a Copa do Mundo no Catar tenha parecido algo extremamente artificial, ela teve uma outra característica única: foi a primeira Copa num país árabe. E foi justamente ali, em meio a lindas demonstrações de apoio à Palestina e carregadas de críticas ao terrorismo sionista, que Marrocos se tornou o primeiro país árabe e primeiro país africano a chegar às semifinais de um Mundial. Também surpreendente foi a chegada dos comandados de Modric novamente a esta fase, com os croatas vencendo o Brasil nas quartas de final. Mas a grande sensação da Copa do Mundo de 2022 foi a sua Final, talvez a melhor de todos os tempos. Novamente com Mbappé batendo recordes – e, desta vez, terminando como artilheiro – a França não acompanhou as quatro eliminações de campeões em primeira fase neste século. Foi muito além: atingiu uma eletrizante partida decisiva, quando pôde se tornar a primeira seleção bicampeã desde o Brasil em 1958-62. Do outro lado, estavam os argentinos, liderados pelo craque Lionel Messi em jornadas geniais no Oriente Médio. No entanto, a campanha começou com derrota para os “quase anfitriões” da Arábia Saudita. Puxada por Messi e com enorme entrega de seus companheiros, a Argentina derrotou México, Polônia e Austrália até duelar novamente numa partida histórica contra a Holanda. Nos penais, foi a vez do arqueiro Emiliano Martínez se destacar, levando a Argentina às semifinais contra a Croácia, jogo vencido com tranquilidade. Mas as finais jamais são vencidas pelos argentinos tranquilamente. Assim como em 78 e 86, sofreu o empate nos minutos finais. Na prorrogação, mais um gol pra cada lado e uma defesa histórica de Martínez, que também se consagraria nos penais. Depois da morte de Maradona, a Argentina voltou a ser campeã da América no primeiro ano e foi Tricampeã do Mundo no segundo ano. Tudo indica que o Napoli levará o *Scudetto* em 2023. Mas uma coisa é fato: na última Copa do Mundo com 32 times, Lionel Messi atingiu definitivamente o degrau maior junto a outros deuses do olimpo da bola.